



Desafios e dilemas em torno da Lei 10.639/03: permanências históricas

Júlio César Virgínio da Costa

Uma imagem vale mais do que mil palavras

Kurt Tuchosky

Basta olhar pra ver?

Concordando com Tuchosky, mas atento aos alertas de Burke (2017) em relação às tentações do realismo, os convido a contemplarem/observarem as fotografias a seguir. São todas da “Festa da Consciência Negra” do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Imagem 1



Fonte: Sirt/CP 2015



Imagem 2



Fonte: Sirt CP/2015

Imagem 3



Fonte: Sirt CP/2015

Imagem 4





Fonte: Sirt/CP 2017

Imagem 5

Fonte: Sirt/CP 2018



Imagem 6





Fonte: Sirt/CP 2019

Imagem 7



Fonte: Sirt/CP 2019

O que acharam? São algumas das 1500 fotografias que encontrei na minha pesquisa



e que existem no arquivo do Setor de Informática (Sirt) do Centro Pedagógico (CP) da UFMG. Perceberam a evolução por ano? É possível fazer alguma inferência em relação a essa Festa a partir das fotografias?

As atividades nos parecem diversificadas, o público é considerável se levarmos em consideração que é um sábado letivo e nos parece que há grande envolvimento. Os estudantes, de vários anos escolares e ciclo de formação humana parecem se envolver.

Vimos o trabalho sobre provérbios africanos dentre as centenas de atividades que foram realizadas.

Quais seriam outras possibilidades? É bem organizada? A escola efetivamente conseguiu implementar a Lei. 10.639.03? O que mais se pode inferir? Será que Tuchosky está certo e as imagens seriam realmente uma evidência histórica?

Palavras valem mais do que mil imagens?

Agora, os convido a ler alguns trechos selecionados dentre as 25 entrevistas¹ que realizei no âmbito da mesma pesquisa que comentei anteriormente.

J: Eu queria comentar só um fato, que me chamou, uma das primeiras, um dos primeiros eventos que eu participei, foi um fato que negativamente me chamou atenção. Não na festa em si, mas em alguns comentários que eu escutei. É, tava tendo uma oficina, salvo engano de capoeira Angola, e alguém comentou, fez um comentário extremamente depreciativo sobre aquilo. É, eu não vou me lembrar exatamente das palavras, mais foi algo do tipo: é como se preto só soubesse fazer isso aí. É, eu não vou me lembrar exatamente das palavras, mais foi algo do tipo: é como se preto só soubesse fazer isso aí. Mais assim, em um tom altamente depreciativo. Tanto com relação a oficina, quanto com a cor da pele da galera que tava lá. E, isso foi um aspecto que infelizmente marcou e chamou a atenção negativamente. (Trecho de entrevista com J. técnico administrativo do CP/2019)

Júlio Cesar: Você se lembra se era uma pessoa da nossa comunidade interna, ou se era uma pessoa do grupo externo?

J: Comunidade interna, um docente. Não vou expor o nome, por razões óbvias. Mas é um docente. (Trecho 2 de entrevista com J. técnico administrativo do CP/2019)

B: [...] e teve uma.. uma.. situação muito específica lá do, dessa festa de 2018 né, que a comissão tava se reunindo, e a gente tinha conseguido um grupo de música pra tocar, só

¹ Optei por manter a transcrição da entrevista na forma literal em que o entrevistado se expressou.





que era um grupo de música muito inspirado na questão da da do Candomblé né, dos ritmos do Candomblé, é é é.. Yorubá. (inaudível) E aquilo gerou um receio muito grande porque o grupo ia vir de graça, tocar de graça pra gente né, alimentar nossa festa, trazer informação cultural né, trazer é.. arte pra nossa festa, e rolou uma resistência assim lá dentro da própria comissão né com medo dessas paiaçada de hoje aí né, escola sem partido, e num sei o quê, é.. essa sempre foi uma coisa que.. sempre me toca muito e me incomoda muito né, então eu não posso falar de terreiro, não posso falar de macumba na escola, porque o Brasil é um país cristão né, é.. então esse grupo também não pode vir aqui não se não vai dar b.o.[...] (Trecho de entrevista com B. professor do CP/2021)

B: Mas o povo não quis né que esse grupo viesse né no dia da nossa festa, e assim por fim a A. ela deu uma solução, assim 'vamo fazer a semana então da Consciência Negra' e aí vão ser assim vários eventos né, aí teve né, é aí teve por exemplo uma oficina de capoeira, um um um companheiro colega nosso, professor de educação física, ele trabalha só com a capoeira, que é o asa branca, o Chris, né foi lá dar uma oficina pra professores de educação física de capoeira, num projeto nosso lá de formação na prática, eu e a A. demos uma oficina de danças é,, ah não isso aí foi no outro ano, isso aí já foi outro outra confusão, foi só essa capoeira mesmo esse ano, é.. então teve essas oficinas, teve... é aí tiveram outras ações também que compuseram a semana e o grupo artístico entrou pra tocar né, nessa semana, num horário fora de aula, pra garantir assim que fosse realmente só quem quisesse né, e não como um dia letivo da escola, que seria passível de gerar esses esses esses desconfortos, e esses conflitos que que o pessoal tava querendo evitar né. (Trecho de entrevista com B. professor do CP /2021)

Supressos? Muito Interessante não acham? Parece que muitos desafios são e foram postos à comissão organizadora da festa. Também temos uma evidência de como certas permanências históricas estão fortemente enraizadas em nossa sociedade e, portanto, também no interior das escolas. A fala de J. surpreende por ser tratar de um professor? Mas não vemos juízes, médicos, administradores e tantos outros comentem atos de racismo cotidianamente em nosso país?

Creio que a expressão “racismo estrutural” de Sílvio Almeida (2020) é mais adequada para entendermos esse processo estrutural e histórico da nossa sociedade. Entender para combater, para erradicar o racismo!

Palavras e imagens valem mais juntas?

E agora, caro leitor e leitora? Qual é a “imagem” que esses trechos nos trazem? O que podemos dizer? Estamos diante de duas evidências históricas coletadas ao longo da trajetória investigativa da pesquisa e que fazem parte do corpus documental que foi sendo





descoberto e produzido ao longo de três anos.

Quais questões vocês se colocaram agora diante dos relatos? Como que no “chão da escola” se prepara uma “festa” de tamanha importância diante de questões tão impactantes indicadas nos trechos das entrevistas? Existem outras entrevistas que sinalizam outras questões, mas que não impediram que festa fosse realizada, porém, percebemos que no próprio interior da escola existe uma dificuldade e um preconceito claro contra a cultura afro-brasileira e um desrespeito ao povo negro, sua cultura e a própria Lei. 10.639.03

Todos os dois entrevistados foram categóricos em dizer, em outros trechos de suas entrevistas, que o evento vem ganhando força a cada ano, o público aumenta consideravelmente, os pais dos estudantes se envolvem e participam do dia com muito engajamento, o Conselho Comunitário, composto por representantes dos pais é atuante na promoção da festa assim como um grande número de docentes e técnicos administrativos. Porém, nos trechos acima selecionados, pude perceber que não ocorre sem tensões, conflitos, preconceitos e incompreensões.

Mas, me parece que o preconceito é inegavelmente uma marca histórica da nossa sociedade, inclusive, dentro das escolas.

Temos também, conforme relata o professor B., o medo que invadiu as escolas nos últimos quatro anos onde um (des)governo fascista, corrupto e adepto da violência da desinformação como estratégia de poder e manipulação questionou os educadores, as escolas e a ciência e incentivou movimentos, como o do escola sem partido, que é uma falácia das mais vergonhosas que já ouvimos dentro do âmbito escolar e sobre a escola e que faz como parte dessa estratégia de domínio e poder.

Não é de hoje que as imagens, como evidências históricas, e como documentos para reflexões em salas de aula fazem parte do cotidiano da história e de seu ensino. Inúmeras reflexões já foram realizadas a esse respeito, porém, Peter Burke (2017, p. 36) nos alerta para tenhamos cuidados com “as tentações do realismo, mais exatamente a de tomar uma imagem pela realidade [...]”.

Eu vi e li!

Mas o que de fato proponho neste texto é que ao se pensar as inúmeras imagens relacionadas à Lei. 10.639.03, é preciso questionar se uma imagem vale mais do que mil





palavras e ir além desses documentos. Sem dúvidas as imagens da “Festa da Consciência Negra” realizada desde 2012 no Centro Pedagógico da UFMG apresentam uma trajetória de vitórias e conquistas. E elas foram realmente alcançadas, porém, as imagens não me permitiram perceber os desafios e nos fazem reflexionar sobre o cuidado necessário no uso apenas de uma fonte quando desenvolvemos pesquisa, pesquisas no ensino e sobre o ensino de história e, no caso específico, de uma práxis educativa que envolve a reeducação das relações étnico-raciais no Brasil.

Porém, a leitura dos trechos poderiam me levar a pensar que a festa é um fracasso, ou que no mínimo ela se realiza de forma precária. Mas, me parece que ela desperta alguns dos elementos dos quais a própria lei veio fazer frente. Resumidamente, eu diria, que são os preconceitos e muitos deles ligados à ignorância e a intolerância religiosa em relação às religiões de “matriz” africana.

Interessante, você, caro leitor e leitora já viu professores, pais e movimento conservadores da extrema direita criticando quando se estuda a Reforma Protestante? Quando levamos os estudantes às cidades coloniais e visitamos as igrejas Barrocas? Eu nunca vi!!

Sendo assim me eu pergunto, nesses vinte anos da Lei 10.639/03 estamos conseguindo levar a cabo esse desafio? Ou as permanências históricas da nossa sociedade ainda são tão arraigadas em nós que até mesmo docentes de um colégio de aplicação de uma das maiores universidade públicas do Brasil não se sente constrangido de fazer o comentário racista, depreciativo do evento a um colega de trabalho?

Desta forma, continuo a pensar, e os demais colegas que se sentiram acuados pelo movimento inconstitucional escola sem partido, provavelmente pelos pais e optaram por “esconder” a apresentação do grupo? Não seria mais uma permanência história em meio aos avanços da própria lei e dos esforços de docentes e técnicos administrativos para a “festa” fosse criada, efetivada e se mantenha ao longo desses 11 anos? Permanências ligadas às relações violentas do cotidiano brasileiro que remontam às relações escravistas e patriarcais.

Quais conflitos seriam esses que a comissão relata? De que ordem seriam? Ou, por estarmos fragilizados, como já sinalizei pelo contexto político vivido e pelo racismo, muitas das vezes velado que nos afeta diariamente no Brasil houve o receio de um problema maior?

Esses trechos me auxiliaram a ver com mais cuidado todo o processo, reconhecer que na escola a Lei 10.639 vem sendo implementada, porém, somente o vestígio fotográfico





não conseguiria me proporcionar conhecer como o processo vem sendo desenvolvido. Eu não conseguiria perceber que certas posturas históricas, como o racismo, a pressão dos seguidores das religiões neopentecostais e o receio do grupo de professores e professoras que fazem parte da comissão da festa.

É aqui que mais uma vez recorro a Peter Burke (2017) quando ele sinaliza que é primordial que ocorra a crítica ao documento. Porém, as fontes fotográficas quando cruzadas com as entrevistas me puderam servir de grande suporte imagético para que os leitores e eu mesmo pudesse ver a festa mais de perto. Porque realmente ela acontece, acontece a cada ano com mais público, mas diria, que não sem reveses, não sem dilemas e ainda envolta nas permanências históricas do ensino de história no Brasil. Ou seja, palavras e imagens do ensino de história valem muito mais juntas!!!

Referências

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaia, 2020.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Diário Oficial da União**, Brasília, 22 jun. 2004.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso da imagem como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

